

Sobre a Globalização

“A intensificação de relações sociais de escala mundial, relações que ligam localidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que se dão a muitos quilómetros de distância e vice-versa. Este processo é dialéctico porque essas ocorrências locais podem ir numa direcção inversa das relações muito distanciadas que as moldaram. A transformação local faz parte da globalização, tanto como a extensão lateral das ligações sociais através do espaço e do tempo.”

Anthony Giddens (1990)

A globalização é identificada, desde há muito, como fator que influencia não só o crescimento económico como, também, a saúde dos cidadãos, das famílias e das populações, como comprovam as pandemias, uma vez que são doenças que progridem no tempo e no espaço em grande escala, assumindo, simultaneamente, expressão pluricontinental. Agentes infecciosos como o vírus da gripe, o VIH/SIDA ou o coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda já demonstraram a capacidade de afectarem todas as regiões do Planeta. Mas, também, as doenças crónicas não transmissíveis como a diabetes.

Por outro lado, também é verdade que a emissão de gases poluentes com efeito de estufa em qualquer país ou região agrava o aquecimento da Terra com evidentes efeitos na Saúde Pública.

A este propósito, note-se que os riscos da ocorrência de fenómenos climáticos extremos, como cheias ou ondas de calor entre outros, poderão multiplicar-se como resultado da emissão de gases poluentes com efeito de estufa para a atmosfera.

Que protecção poderá ser garantida a um país mediterrânico, se os Estados Unidos da América e a China não observarem as reduções das emissões previstas no Protocolo de Quioto?

Os exemplos desdobram-se.

Constata-se, nas situações mencionadas, a ausência de fronteiras e de barreiras à expansão desses fenómenos que se refletem em grande escala, a nível global, e que explicam o avolumar de preocupações.

Estas questões foram pela primeira vez equacionadas no Relatório do então chamado “Clube de Roma” (1976), formado, na altura, por personalidades e especialistas de reconhecida

competência. Aqueles cientistas apontaram três aspetos que podiam antever como resultado do crescimento económico e demográfico, no contexto de uma sociedade planetária: a falta de alimentos, o esgotamento dos recursos minerais/energéticos e a poluição ambiental.

Como se compreende, aqueles tópicos mantêm atualidade e interessam a especialistas em Saúde Pública, visto que são determinantes da saúde dos seres humanos (fome, aumento da pobreza e poluição, por exemplo).

A globalização é imparável. Está relacionada com a rapidez e facilidade das comunicações e dos transportes através de países e continentes. A aceleração do processo de globalização ocorre depois da II Guerra e em particular a partir dos anos 60. Ao favorecer o crescimento pode, potencialmente, beneficiar as populações, desde que não origine o agravamento das assimetrias entre ricos e pobres.

Compreende-se, como princípio, que o crescimento deverá ser partilhado de forma equitativa. A redução dos níveis de pobreza teria que ser consequência natural da globalização.

A questão que agora se coloca é saber quais são as interações existentes entre globalização e saúde. Em que sentido se manifestam. Só negativo? Não haverá forma de elevar os efeitos positivos?

A erradicação da varíola, celebrada em 1980 e que será certamente seguida pela erradicação mundial da poliomielite aguda e, em especial, a constante transmissão e partilha de conhecimentos científicos no grande espaço global que a *internet* proporciona, são aspetos positivos que têm que ser devidamente realçados. As investigações dos cientistas em grandes redes *online*, muito bem coordenadas, têm permitido avanços rápidos nas respostas a novos problemas identificados. Assim aconteceu na Ásia com a SARS/pneumonia atípica ou no Médio Oriente com infeções respiratórias (MERS-CoV) provocadas por coronavírus ou, do mesmo modo, com o acompanhamento permanente do processo de mutação de novos subtipos e estirpes do vírus da gripe. Por outro lado, é verdade que a rápida produção de vacinas eficazes terá efeitos benéficos a nível global.

Ora, é, essencialmente, este equilíbrio, obtido através da potenciação de respostas positivas, que é preciso explorar.

Francisco George

Lisboa, setembro de 2013

[Publicado a 11 de março de 2014, em www.dgs.pt]